

Memorial de Aires





MACHADO DE ASSIS

Memorial de Aires

TEXTO INTEGRAL

Cotejado com a edição original,
Rio de Janeiro, B.L. Garnier, 1908.

Apresentação de
Alfredo Bosi

Conforme a nova ortografia da língua portuguesa

gerente editorial Claudia Morales
editor Fabricio Waltrick
editores assistentes José Muniz Jr. e Malu Rangel
assistente editorial Grazielle Veiga
estagiária Ana Luiza Candido
coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
revisão Cláudia Cantarin, Alessandra Miranda de Sá

arte

imagem da capa *The Tripper*, 1970, obra de Antonio Dias; imagem licenciada por inARTS.com

projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez

editor Vinicius Rossignol Felipe

diagramadora Thatiana Kalas

editoração eletrônica Luiz Henrique Dominguez

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A866m
7.ed.

Assis, Machado de, 1839-1908
Memorial de Aires / Machado de Assis. - 7.ed. - São Paulo :
Ática, 2011.
192p. - (Bom Livro)

Inclui apêndice e bibliografia
ISBN 978-85-08-13189-1

I. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.

10-5678.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 13189-1 (aluno)
ISBN 978 85 08 13190-7 (professor)
Código da obra CL 737104

2011

7ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 | CEP 02909-900 | São Paulo | SP
Atendimento ao cliente: 0800 115152 | Fax: (11) 3990-1776
www.atica.com.br | www.atica.com.br/educacional | atendimento@atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

O labirinto da situação humana 9

Advertência 17

1888 21

1889 125

Vida & obra 157

Resumo biográfico 183

Obras do autor 185

Obra da capa 189



O LABIRINTO DA SITUAÇÃO HUMANA¹

Alfredo Bosi

Professor titular da Universidade de São Paulo (USP), ensaísta e crítico literário. É membro da Academia Brasileira de Letras.

Machado de Assis encerrou sua carreira de romancista com uma obra, o *Memorial de Aires*, cujo estilo retoma certas formas livres do seu primeiro romance de maturidade: as *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

O tempo que correu entre ambos terá sido longo: um quarto de século significa muito para um homem capaz de refazer-se tão completamente que pôde escrever *Dom Casmurro* depois de ter composto *Helena*. Mas a visão do mundo que ditou as páginas cortantes do defunto Brás Cubas manteve-se, apesar de todas as atenuações, no modo pelo qual o velho Aires julgaria dos homens e das coisas.

Como Brás Cubas, o Conselheiro põe-se a escrever na condição privilegiada de quem já pode dispensar-se de intervir no duro jogo da sociedade: condição do morto, ou do diplomata aposentado, a quem é grato evocar o passado ou observar, com o necessário distanciamento, os vaivéns do presente.

Em *Dom Casmurro* e em *Quincas Borba*, a narração ainda está fortemente pregada ao conflito, e a lembrança guarda o travo amargo de frustrações mal-encobertas. Trata-se de romances urdidos em torno de núcleos dramáticos; romances em que se desenha o ritmo de paixões como o ciúme e o amor insensato; romances cuja matéria próxima é a suspeita, a loucura, a solidão. A filosofia cética do autor neles se dá como intervalo a separar momentos existenciais densos, feitos de desejo, de desesperança. No *Memorial*, como nas *Memórias póstumas*, as paixões soam muito distantes, parecem vindas de um mundo morto ou murcho e já tiveram tempo de se mascararem em teia sutil de interesses, em hábito, ou até mesmo em quadro idílico de filial amizade.

1 Esta apresentação antecipa partes importantes do enredo. (N.E.)

O olhar do Conselheiro, lembrando a advertência de Espinosa, não ri nem chora, não ama nem detesta, compreende. “Não odeio nada nem ninguém. Mas *perdono a tutti*, como na ópera.” A ótica de Brás Cubas ainda se comprazia em ressaltar interesses mesquinhos de ações que a sociedade recompensa como nobres. A nota galhofeira, aqui e ali ácida, esbate-se na melodia belamente monótona que sai do diário do velho Aires:

Não é feio o nosso jazigo; podia ser um pouco mais simples, — a inscrição e uma cruz, — mas o que está é bem-feito. Achei-o novo demais, isso sim. Rita fá-lo lavar todos os meses, e isto impede que envelheça. Ora, eu creio que um velho túmulo dá melhor impressão do ofício, se tem as negru-ras do tempo, que tudo consome. O contrário parece sempre da véspera.

Reflexões sobre túmulos e cemitérios convêm ao começo de um livro que diz daqueles mesmos “pensamentos idos e vividos” com que o poeta Machado de Assis, falando à morta Carolina, descrevera a desolação do seu espírito. Elas dão o tom geral a este brevíário de desengano que se quer temperado pela indulgência e pelo receio de carregar demais nas tintas de uma evidente melancolia.



A busca do meio-termo não vem a ser apenas hábito do mediador por ofício. Ela deita raízes mais fundas numa percepção antirromântica, clássica, do homem e da linguagem. Tal percepção faz de Machado um contemporâneo de Pascal (menos a religiosidade deste) e de La Rochefoucauld; e explica frases como esta:

Nas duas ou três moléstias que o pequeno teve, a aflição de D. Carmo foi enorme. Uso o próprio adjetivo que ouvi ao Campos, conquanto me pareça enfático, e eu não amo a ênfase. Confesso aqui uma coisa. D. Carmo é das poucas pessoas a quem nunca ouvi dizer que são “doidas por morangos”, nem que “morrem por ouvir Mozart”. Nela a intensidade parece estar mais no sentimento que na expressão.

O elogio da palavra contida supõe as defesas da mediação. Que se apresenta em mais de um nível.

O mais evidente será o da própria forma em diário do livro, em que as ações e os acontecimentos nunca se dão na sua crueza de fatos, mas

vêm envoltos e aparados pelo comentário de Aires: este os despe de toda surpresa e os recobre de sua compassada sabedoria. A presença imediata das coisas ilude, excita ou dói em excesso; é preciso deixar que elas passem, e só depois, e de longe, tomá-las por matéria da escritura: “agora é tarde para transcrever o que ele disse; fica para depois, um dia, quando houver passado a impressão, e só me ficar de memória o que vale a pena guardar”.

A inclusão do *falar sobre o ato de escrever* constitui igualmente processo típico de mediação: o seu uso, comum às obras maduras de Machado, é, nesta, exemplar: “Relendo o que escrevi ontem, descubro que podia ser ainda mais resumido, e principalmente não lhe pôr tantas lágrimas”.

[...]

Reli também este dia de hoje, e temo haver-lhe posto (principalmente no fim) alguma nota poética ou romanesca, mas não há disso; antes é tudo prosa, como a realidade possível.

[...]

Papel, amigo papel, não recolhas tudo o que escrever esta pena vadia. Querendo servir-me, acabarás desservindo-me, porque se acontecer que eu me vá desta vida, sem tempo de te reduzir a cinzas, os que me lerem depois da missa de sétimo dia, ou antes, ou ainda antes do enterro, podem cuidar que te confio cuidados de amor.

Não, papel. Quando sentires que insisto nessa nota, esquiva-te da minha mesa, e foge.

O jogo com a matéria-prima da escrita, o papel, é uma entre outras defesas calculadas ante o risco da entrega ao puro fato. E o mesmo projeto de alargar as distâncias presidirá *ao retrato moral dos personagens*.

O clima que se instaura entre o narrador e as pessoas que circulam no espaço ficcional (D. Carmo, Fidélia, Tristão...) está sugerido no momento em que, tratando da bela viúva, Aires define-a como “objeto de estudo”. Fidélia encanta-o, mas evoca nele apenas o gélido verso de Shelley, *I can give not what men call love*, “não posso dar o que os homens chamam amor”. Abre-se assim um intervalo entre o foco narrativo e o objeto; intervalo que só tenderá a dilatar-se.

A crítica biográfica uniu a personagem D. Carmo à pessoa de Carolina, e a palavra do Conselheiro ao estilo de pensar do último Machado; mas este, enquanto narrador, furta-se à identificação e procura, antes, a diferença, matizando, quando pode, as opiniões que lhe inspiram algumas de suas criaturas.

Um exemplo: o Conselheiro introduz a suspeita (logo negada) de que o olhar do outro poderia alterar a intimidade dos afetos, mesmo os mais sólidos, como o que prende o casal Aguiar:

Lá fui ontem às bodas de prata. Vejamos se posso resumir agora as minhas impressões da noite.

Não podiam ser melhores. A primeira delas foi a união do casal. Sei que não é seguro julgar por uma festa de algumas horas a situação moral de duas pessoas. Naturalmente a ocasião aviva a memória dos tempos passados, e a afeição dos outros como que ajuda a duplicar a própria. Mas não é isso. Há neles alguma coisa superior à oportunidade e diversa da alegria alheia.

A asserção final (“Há neles...”) reforça a imagem positiva da união de Aguiar e D. Carmo, mas o juízo anterior (“Naturalmente a ocasião...”) permanece expresso, traindo o analista que perscruta os motivos todos do comportamento e sombreia as paisagens morais excessivamente simples e claras. Do maternal carinho de D. Carmo por Fidélia diz algures:

Quem sabe se aquela afeição de D. Carmo, tão meticulosa e tão serviçal, não acabará fazendo dano à bela Fidélia? A carreira desta, apesar de viúva, é o casamento; está na idade de casar, e pode aparecer alguém que realmente a queira por esposa. Não falo de mim, Deus meu, que apenas tive veleidades sexagenárias; digo alguém de verdade, pessoa que possa e deva amar como a dona merece. Ela, entregue a si mesma, poderia acabar de receber o noivo, e iriam ambos para o altar; mas entregue a D. Carmo, amigas uma da outra, não dará pelo pretendente, e lá se vai embora um destino.

A ambiguidade, reduzida a um quase nada no trato de D. Carmo, acentua-se à medida que o narrador alarga o círculo dos personagens.

Fidélia, a viúva fiel, é portadora de uma beleza em que o luto, aliás o meio-luto, não esconde, antes ressalta, as formas do corpo, “feita ao torso, sem que este vocábulo dê nenhuma ideia de rigidez; ao contrário, é flexível”. A sua imagem chega a Aires por partes: as linhas adivinham-se e juram-se, depois se veem a pele, os olhos e os cabelos pretos; “o resto veio vindo pela noite adiante, até que ela se foi embora”. Que composto de sensível corporeidade e sonho fugaz essa figura de mulher que traz na veste e no nome o sinal da posse do morto e, no entanto, age com involuntária sedução pela simples presença!

Fidélia acabará casando de novo. Não antes de querer fugir ao pretendente e a si mesma. Mas até as últimas páginas do Memorial o leitor ficará na dúvida quanto à força das suas saudades conjugais.

Vindo para casa acudiu-me em caminho uma ideia, indiscreta, decerto, mas felizmente não a disse a ninguém, e mal a deixo nesta folha de papel. A ideia é saber se Fidélia terá voltado ao cemitério depois de casada. Possivelmente, sim; possivelmente não. Não a censurarei, se não: a alma de uma pessoa pode ser estreita para duas afeições grandes. Se sim, não lhe ficarei querendo mal, ao contrário. Os mortos podem muito bem combater os vivos, sem os vencer inteiramente.

Fidélia, a viúva fiel e a filha amorável do casal Aguiar, casaria de novo e deixaria os pais “postiços”, talvez para sempre. Muito lhe pesa deixá-los, mas não desfará, por eles, sua viagem à Europa.

A mesma ambiguidade se reconhece em Tristão. Dúbia é a história, dúbia a figura do jovem protegido dos Aguiares. O menino teve duas mães: a de sangue cedo entregou-o à de coração, D. Carmo, que “parecia mais verdadeira mãe que a mãe de verdade”. Repartido entre ambas, pende para a segunda, de quem recebe alimento, instrução, ternura. Fim do tempo da dependência, parte para Lisboa com os pais de verdade, prometendo voltar depois de formado: “mas daí a algum tempo eram as cartas que escasseavam e acabaram inteiramente, elas e os retratos, e as lembranças; provavelmente não ficaram lá saudades”. Tristão voltará, ou por afeto ou para ordenar negócios do pai, não se sabe bem; mas a força das coisas, o provável o guiará de novo à Europa, dessa vez levando consigo a rica Fidélia, que fora, na sua ausência, o consolo dos Aguiares sem filhos.

Há semelhanças entre a primeira e a última partida: numa e noutra o jovem deserta do lar postiço com manifesta tristeza e reiterados protestos de filial afeto; em ambas espera-o além-mar uma situação grata ou de prestígio a que não quer renunciar. O narrador não chega a aceitar as insinuações de D. Cesária, senhora de língua sabidamente má, que vê nas escolhas de Tristão o motivo único do dinheiro. Não será bem assim. Ao Conselheiro importa recortar a insuperável solidão a que estão fadados os que, como D. Carmo e Aguiar, amaram e se deram em excesso. Dos outros, que são a maioria, deve-se esperar que a vontade de prazer e a vontade de poder, o fogo da juventude e o prestígio de um assento na Câmara de Lisboa acabem deixando no limbo os afetos de seres que já se encontram à beira do túmulo, ou (caso do marido de Fidélia) no próprio túmulo.

O que não se pode nem se deve fazer é rasgar com violência os véus da mediação. Seria impiedade vã. Tristão sabe disso e o diz a Aires para justificar a nova e definitiva partida: “Que quer, Conselheiro? A vida é assim cheia de liames e de imprevistos”. Aqui, o provável, o certo dos interesses esconde-se maneiramente sob as aparências do acaso e da surpresa...

A máscara, afinal, não aparece como recurso isolado do indivíduo: seu uso é geral, tela posta entre as causas reais e as “causas de empréstimo” a que se refere, a certa altura, o Conselheiro. Este, afastado da praia, mas com os olhos na gente que fica, ainda se demora o seu tanto para apreciar as regras do jogo e concluir pela sua constante repetição. Assim, falando das simetrias que ocorrem no *Memorial*:

Tudo isso repugna às composições imaginadas, que pedem variedade e até contradição nos termos. A vida, entretanto, é assim mesmo, uma repetição de atos e meneios, como nas recepções, comidas, visitas e outros folgares; nos trabalhos é a mesma coisa. Os sucessos, por mais que o acaso os teça e devolva, saem muita vez iguais no tempo e nas circunstâncias; assim a história, assim o resto.

O reconhecimento e a aceitação dos labirintos sem fim que os homens têm construído para disfarçar a sua reiterada situação de carência, desejo e medo parecem ser a lição última do *Memorial de Aires*.



Memorial de Aires

Quem me leu *Esau e Jacó* talvez reconheça estas palavras do prefácio: “Nos lazes do ofício escrevia o *Memorial*, que, apesar das páginas mortas ou escuras, apenas daria (e talvez dê) para matar o tempo da barca de Petrópolis”.

Referia-me ao Conselheiro Aires. Tratando-se agora de imprimir o *Memorial*, achou-se que a parte relativa a uns dois anos (1888-1889), se for decotada de algumas circunstâncias, anedotas, descrições e reflexões — pode dar uma narração seguida, que talvez interesse, apesar da forma de diário que tem. Não houve pachorra de a redigir à maneira daquela outra — nem pachorra, nem habilidade. Vai como estava, mas desbastada e estreita, conservando só o que liga o mesmo assunto. O resto aparecerá um dia, se aparecer algum dia.

MACHADO DE ASSIS

Em Lixboa, sobre lo mar,
Barcas novas mandey lavar...

Cantiga de JOHAM ZORRO.

Para veer meu amigo
Que talhou preyto comigo,
Alá vou, madre.
Para veer meu amado
Que mig'a preyto talhado,
Alá vou, madre.

Cantiga d'el-rei DOM DENIS.¹

1 As epígrafes do livro são trechos de dois autores da tradição trovadoresca galego-portuguesa: Joham Zorro (séc. XIII-XIV), em cujos poemas o mar é um tema constante, e Dom Dinis (1261-1325), sexto rei de Portugal e autor de célebres cantigas de amigo e de amor. (N.E.)

9 de janeiro

Ora bem, faz hoje um ano que voltei definitivamente da Europa. O que me lembrou esta data foi, estando a beber café, o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores: “Vai vassouras! vai espanadores!” Costume ouvi-lo outras manhãs, mas desta vez trouxe-me à memória o dia do desembarque, quando cheguei aposentado à minha terra, ao meu Catete, à minha língua. Era o mesmo que ouvi há um ano, em 1887, e talvez fosse a mesma boca.

Durante os meus trinta e tantos anos de diplomacia algumas vezes vim ao Brasil, com licença. O mais do tempo vivi fora, em várias partes, e não foi pouco. Cuidei¹ que não acabaria de me habituar novamente a esta outra vida de cá. Pois acabei. Certamente ainda me lembram coisas e pessoas de longe, diversões, paisagem, costumes, mas não morro de saudades por nada. Aqui estou, aqui vivo, aqui morrerei.

Cinco horas da tarde

Recebi agora um bilhete de mana Rita, que aqui vai colado:

9 de janeiro

“Mano,

“Só agora me lembrou que faz hoje um ano que você voltou da Europa aposentado. Já é tarde para ir ao cemitério de São João Batista, em visita ao

1 cuidar: supor, julgar. (N.E.)